

LEITURA NA ESCOLA: GRAMÁTICA E EXPRESSIVIDADE

Aytel Marcelo Teixeira da Fonseca (UERJ)
aytelfonseca@yahoo.com.br

Adoro música.

Tenho fascínio pelas canções de Chico Buarque, a quem peço emprestado agora um exemplo, parte do musical *Calabar: o elogio da traição*, do Chico e também do Ruy Guerra (1980, p. 40):

Tatuagem

Quero ficar no teu corpo feito tatuagem
Que é pra te dar coragem
Pra seguir viagem
Quando a noite vem.
E também pra me perpetuar

Em tua escrava
Que você pega, esfrega, nega
Mas não lava.

Quero brincar no teu corpo feito bailarina
Que logo te alucina,
Salta e se ilumina
Quando a noite vem.
E nos músculos exaustos

Do teu braço
Repousar frouxa, murcha, farta
Morta de cansaço.

Quero pesar feito cruz nas tuas costas
Que te retalha em postas,
Mas no fundo gostas,
Quando a noite vem.
Quero ser a cicatriz risonha e corrosiva,
Marcada a frio,

A ferro e fogo
Em carne viva.

Coração de mãe, arpões, sereias e serpentes
Que te rabiscam o corpo todo
Mas não sentes.

Me pergunto: por que gosto dessa música?

Alguma lembrança? Penso em alguém? Me reconheço na personagem Bárbara, amante obcecada? Que, ao ver seu Calabar prestes a ser executado, subitamente iluminada, canta *Tatuagem* entre rufos de tambor e gritos lancinantes.

Por tudo isso.

Mas não só. Meu afeto se dá também pela linguagem.

Gosto da letra da música porque admiro sua *forma*, construída artisticamente.

Palavras casadas com outras, harmonizando sons, criando imagens.

Cópula verbal.

Daí a *expressividade*.

A língua superando sua função essencial de informar e passando a *seduzir*. Às vezes seduzindo pelo *desvio*, pela *subversão* à norma. Mas de qualquer forma: *seduzindo*.

Em *Tatuagem*, muitos recursos me seduzem:

– *rimas em versos diferentes*

entre palavras de mesma classe gramatical, chamadas de rimas pobres, por serem mais previsíveis: *tatuagem*, *viagem*, *coragem* (substantivos) / *braço*, *cansaço* (substantivos) / *corrosiva*, *viva* (adjetivos);

entre palavras de classe gramatical diferente, conhecidas como ricas, mais inusitadas: *bailarina*, *alucina*, *ilumina* (substantivo, verbo, verbo) / *escrava*, *lava* (substantivo, verbo) / *serpentes*, *sentes* (substantivo, verbo).

Um caso curiosíssimo entre palavras que se diferenciam apenas por um fonema, de tão semelhantes: *costas*, *postas*, *gostas* (substantivo, substantivo, verbo);

– *rima no mesmo verso*: *pega*, *esfrega*, *nega*, que ganham maior destaque por estarem lado a lado, construindo uma sequência de ações;

– *repetições de sons*: do /t/ (“... no teu corpo feito tatuagem”), das vogais nasais (“Coração de mãe, arpões...”), do /f/ (“Marcada a

frio, a ferro e fogo, em carne viva”), que me lembra o *frrrr* do queimar da pele. Fusão de fês, mês e rês em “... frouxa, murcha, farta, morta de cansaço”;

– *repetições de estruturas ou mesmo de versos*: “Quero ficar no teu corpo”, “Quero brincar no teu corpo”, “Quero pesar feito cruz...”, “Quero ser a cicatriz...” / “Mas não lava”, “Mas no fundo gostas”, “Mas não sentes” / “Quando a noite vem”, que aparece três vezes.

Todos esses recursos contribuem em conjunto para o ritmo da música.

Mas apontar apenas isso é empobrecer o texto.

Como não chamar a atenção para as *imagens* que intensificam o desejo de Bárbara pelo seu amado?

Ela quer colar-se ao corpo de Calabar como *tatuagem* ou *cicatriz* risonha e corrosiva, quer ferir, retalhar, arranhar, marcar, quer também ser submissa, *escrava*, mas ter a chance de brincar como *bailarina* e usar dos músculos dele como repouso.

Bárbara quer *prender-se* a Calabar, seguir viagem, sacrificar-se com ele.

O desenho do “t”, tantas vezes repetido, não é bem sugestivo? Cruz, vinco, marca...

Não resta dúvida, portanto, de que a letra da música é *expressiva, poética, atraente*. Resultado de *escolhas* dos autores. Um *agir* sobre o acervo de que dispõe a língua portuguesa.

Quais palavras? Por que essa e não outra? Em que ordem?

Não nos interessa muito – talvez nem seja possível – saber fielmente as indecisões e as correções experimentadas por Chico Buarque e Ruy Guerra. Se tudo foi mais ou menos calculado ou se as coisas foram acontecendo meio por acaso.

Mas é inquestionável: eles fizeram *escolhas* dentre as possibilidades da língua.

Escolhas visando a um *fim*: o artístico.

Porém erra quem pensa que recursos linguístico-expressivos¹ aparecem apenas em poemas, letras de música ou em qualquer texto literário, de escritores sempre consagrados.

Pego do jornal (há algo mais cotidiano?) e me deparo com muitos exemplos.

Já na primeira página.

Exemplo 01)

Hiperte(n)ção

Para ministro, sexo reduz pressão alta.

O Globo: Rio de Janeiro: 04 de maio de 2010.

Uma brincadeira com “hipertesão” e “hipertensão”, estabelecendo, por meio da semelhança da forma, a ligação entre a causa (muita libido) e seu efeito (redução da pressão alta), de acordo com a afirmação do ministro.

É claro que o resultado do jogo com essas palavras não é uma letra de música ou um poema, mas a *expressividade* se faz presente. A manchete ganha destaque pela *irreverência*. A própria *forma* serve como isca para fisgar um tipo de leitor às vezes desatento, com interesse voltado para os fatos do jornal.

Caso fosse *escolhida* a versão “Sexo reduz hipertensão”, o efeito não seria o mesmo e a manchete perderia graça e concisão.

Exemplo 02)

Um eleitorado (de) menor

Cai o número de adolescentes de 16 e 17 anos que tiraram o título de eleitor. Cadastro vai até 05 de maio.

¹ “Recursos *linguísticos*” por se tratarem de possibilidades da *língua*: *seleção* das palavras existentes ou passíveis de existência, e *combinação* delas em frases e orações dentro dos limites da inteligibilidade. “Recursos *expressivos*” por garantirem maior *ênfase* à ideia veiculada e à própria forma veiculadora. Ser mais *expressivo* é ser mais *atraente*.

O Globo: Rio de Janeiro: 04 de julho de 2010.

Outra vez o jogo com a forma para *potencializar* o conteúdo.

Na mesma frase, graças ao uso dos parênteses, temos os dois aspectos que serão desenvolvidos na reportagem: a redução do número de eleitores (“Um eleitorado *menor*”), mas de eleitores com menos de dezoito anos (“Um eleitorado *de menor*”).

Interessante também a opção por “de menor”, termo discriminado, vista como errado, de mau gosto. O *desvio*, a *rebeldia* intensifica a expressividade.

Pulo páginas e vou para a seção de esporte. Época de Copa do Mundo. Vários usos criativos da língua.

Exemplo 03)

A culpa é toda de Dunga

O técnico disse que a responsabilidade pela eliminação é coletiva. Não. Não é. Dunga é o único, absoluto, 100% culpado.

O Globo: Rio de Janeiro: 04 de julho de 2010, p. 01.

Destaque para a *repetição enfática* tanto de palavras (“*Não. Não é*”) quanto de ideias (“Único, absoluto, 100% culpado”), *intensificando* o repúdio do jornal ao desempenho do técnico Dunga.

Exemplo 04)

Vitória Kakaída

Extra: Rio de Janeiro: 16 de junho de 2010, p. 01.

No primeiro jogo da Copa, o Brasil ganhou por 2 a 1 da Coreia do Norte, uma das seleções mais fracas da competição, mas a vitória foi suada, “caída”.

Uma das promessas do time, Kaká, teve uma atuação insignificante, quase nula.

Com muita criatividade e concisão, essas duas ideias foram unidas em “Vitória Kakaída”, graças à duplicação da primeira sílaba

de “caída” e a substituição do “c” pelo “K”, que remete ao nome do jogador.

Um aproveitamento expressivo da camada sonora das palavras.

Exemplo 05)

Fabulosos 3

Kakarniceiros 1

Extra: Rio de Janeiro: 21 de junho de 2010, p. 01.

A mesma estratégia aparece nessa outra manchete, mas agora a respeito da vitória do Brasil sobre a Costa do Marfim.

A caracterização dos times como “Fabulosos” e “Carniceiros” é muito significativa. O primeiro adjetivo é uma referência ao jogador conhecido por Fabuloso, Luís Fabiano, autor de dois gols. E o segundo, transformado em “Kakarniceiros”, aponta para a violência da outra seleção em campo contra o Brasil, representado por Kaká.

Exemplo 06)

Felipe MeloU

Expresso: Rio de Janeiro: 03 de julho de 2010, p. 01

Mais uma vez a exploração da camada sonora das palavras. Uma brincadeira com o sobrenome “Melo” e a gíria “melou”, que significa “falhar”, “não dar certo”.

Isso porque o jogador Felipe Melo ficou conhecido como o grande culpado da eliminação do Brasil no jogo contra a Holanda. Ele foi expulso de campo depois de derrubar e pisar em um adversário.

Exemplo 07)

Viva o polvo brasileiro!

Rodrigo Faro ganha sozinho o bolão dos famosos do Sessão Extra, graças à vitória da Espanha

Extra: Rio de Janeiro: 13 de julho de 2010, p. 01.

Por incrível que pareça: um polvo chamado Paul ficou famoso porque previu *todos* os resultados dos jogos da Copa.

O apresentador Rodrigo Faro conseguiu uma façanha parecida: acertou a maioria dos placares quando foi consultado pelo jornal Extra. Por isso foi chamado de “o polvo brasileiro”.

A manchete, para aproximar o ator e o animal, apropria-se de uma expressão muito comum, título também de um livro de João Ubaldo Ribeiro (“Viva o povo brasileiro!”), e aproveita da semelhança sonora entre “polvo” e “povo”.

Nos dias da Copa, em que praticamente só se falava de futebol, as expressões típicas do caderno de esporte acabaram “migrando” para outras seções, como a de economia. Deslocamento que desperta a atenção do leitor pelo ineditismo:

Exemplo 08)

Lula joga para a torcida e aprova aumento de 7,72%

Reajuste começa a ser pago a aposentados em agosto. Retroativos serão de até R\$ 322.

Extra: Rio de Janeiro: 16 de junho de 2010, p. 09.

“Jogar para torcida”, neste caso, pode significar “agradar a população”, especificamente os aposentados, com o tal aumento de 7,72%.

Ironia do jornal?

É um aumento que de fato agrada?

Faltam informações para afirmar, o que não acontece nesta carta do leitor Helio Bernardino, que comenta a medida do presidente Lula:

Acordei vibrando de felicidade! Por benesse do presidente, vou pôr mais R\$ 11 no bolso. Ao mesmo tempo, estou preocupado, pois vou quebrar as contas do governo. Contribuí sobre 10 e 20 salários mínimos,

aposentei-me com oito e, hoje, recebo três. E o governo me deixou com outra preocupação: onde vou aplicar este dinheirama?

O Globo: Rio de Janeiro: 05 de julho de 2010, p. 08

A expressividade de “Acordei vibrando de felicidade!”, “bem-estar”, “quebrar”, “dinheirama”, por exemplo, está a serviço da intenção de Helio em ser *irônico*: não pode existir felicidade quando o valor pago pelo Governo não chega nem perto da contribuição do aposentado.

O charme do texto está justamente na ironia, que pode despertar a atenção pela ousadia, mas também enganar algum leitor desatento ou ingênuo, desconhecedor do verdadeiro propósito comunicativo de Helio.

Me detenho um pouco mais na sessão de cartas dos leitores:

Exemplo 09)

Justiça sem pré

Chega de pré: pré-sal, pré-civilização, pré-nação, pré-democracia, pré-educação, pré-saúde! E chega de tanto pré para um pré-povo, um pré-cidadão, para uma pré-justiça e para tanta presente mistificação demagógica, usando ideologia, religião, democracia como desculpas esfarrapadas para iludir essa sofrida população, enganada pela ausência de reais valores culturais, como a verdadeira educação, a necessária saúde, a indispensável segurança e a tranquilidade de viver e morar, substituídas pela imersão cada vez maior nesse mar de lama moral, de caráter e de espírito em que atolaram esse país governado por políticos que se protegem com a incrível e ilegal impunidade que eles mesmos criaram. Enquanto a demagogia floresce, a cultura decresce, a violência cresce e o terror prevalece! Não queremos pré-justiça, queremos Justiça já!

Sagrado Lamir David

O Globo. Rio de Janeiro: 28 de março de 2010, p. 08.

Sagrado Lamir David tem a intenção de defender um ponto de vista sobre a situação social do Brasil. Para isso, emprega determinadas estratégias que garantem maior destaque às suas ideias, ajudando-o a concretizar seu *projeto de dizer*:

– uso enfático de “pré-”, com sentido de “sub”, pejorativo, e não de “anterioridade”, como aparece nos dicionários. Com isso, evidencia-se a péssima situação do país: “pré-civilização”, “pré-

nação”, “pré-democracia”, “pré-educação”, “pré-saúde”, “pré-povo”, “pré-cidadão”, “pré-justiça”.

Interessante observar que, em alguns momentos, “pré” deixa mesmo de ser um elemento dependente e passa a forma autônoma, ganhando maior relevo: “Justiça sem pré”.

– seleção de palavras muito sugestivas, “palavras gritantes”, sobretudo adjetivos: “desculpas *esfarrapadas*”, “*sofrida* população”, “*atolaram* esse país” etc.

– colocação da maioria dos adjetivos em posição estratégica, antes do substantivo que acompanham, potencializando a expressividade, como em “*verdadeira* educação” (e não “educação verdadeira”), “*necessária* saúde”, “*indispensável* segurança”, “*incrível e ilegal* impunidade”.

– presença de frases exclamativas, que externam o sentimento de revolta: “Chega de pré: pré-sal (...) pré-saúde!”, “Não queremos pré-justiça, queremos Justiça já!”, que lembra o grito “Diretas já!” contra a Ditadura.

– escolha da expressão metafórica “*mar de lama moral, de caráter e de espírito*”, atraente tanto pelo sentido (enorme quantidade de ações imorais), quanto pela sonoridade (repetição do *mê*).

– uso de rima para dar ritmo ao texto: “... enquanto a demagogia *floresce*, a cultura *decrece*, a violência *cresce* e o terror *prevalence*!”.

– emprego de inicial maiúscula em “Justiça”, aponto-se a “justiça”: enquanto esta, com letra minúscula, é a que existe, incompetente, aquela é a desejada pelo autor, eficaz.

Frente a tanta diversidade de recursos linguístico-expressivos, é inaceitável que um texto como esse e como todos os outros aqui comentados sirvam, em uma aula de língua portuguesa, *apenas* como ponto de partida para:

– *classificações gramaticais*: “*sofrida*” é adjetivo ou substantivo?

Mais relevante do que saber classificar “sofrida” é perceber como o adjetivo pode contribuir para a concretização dos propósitos comunicativos do autor.

Será que esse ou aquele adjetivo não é um indício da opinião defendida no texto?

Ou mesmo se admirar com a escolha da palavra.

Me lembro de como fiquei admirado ao conhecer o sonoro “banho *tépido*” de Eça de Queiroz. Como um adjetivo pode ter um significado tão específico: “ligeiramente quente”?

– ou buscas de informações do tipo “Qual a opinião do autor?” “Qual o primeiro argumento?”

Tão importante quanto saber o ponto de vista do autor ou o tipo de argumento escolhido (se citação de exemplo, de dado estatístico etc.) é reconhecer e *experimentar* os tantos recursos linguístico-expressivos empregados para jogar mais luz nas ideias, para deixar o texto mais atraente.

As palavras gritantes, a colocação estratégica dos adjetivos, as rimas, as exclamações não seriam também procedimentos argumentativos (em um sentido mais amplo)? Se atraem a atenção do leitor, por que não considerá-las no estudo do texto persuasivo?

É preciso *ajustar a lupa* para olhar bem de perto as palavras, seguindo o conselho do Drummond: “Chega mais perto e contempla as palavras, cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra”².

É preciso colar o ouvido à superfície do texto para escutá-lo com atenção, perceber sua cadência. Gosto muito de um verso da Zélia Duncan, na música *Alma*: “o sal que sai do sol”.

Sensibilidade linguística.

O que não pode acontecer é a indiferença.

Por isso o medo de tolher a expressividade dos meus alunos. Um risco que se corre caso:

² Versos de Carlos Drummond de Andrade em “À procura da poesia”.

– os recursos linguístico-expressivos se limitem às famosas figuras de linguagem e sejam vistos *apenas* em textos reconhecidamente literários, ignorando-se sua presença assídua em reportagens, notícias, editoriais, piadas, charges, histórias em quadrinhos, propagandas;

– as produções de texto se restrinjam a um gênero existente só entre os muros da escola (a redação) ou sejam submetidas a correções que, em defesa do “certo” ou do “adequado”, desprezem os usos criativos da língua, que podem, às vezes, romper com normas e quebrar expectativas.

Como experiência, levei o texto de Sagrado Lamir David para uma aula sobre argumentação em uma turma de primeiro ano do ensino médio. A maioria dos recursos que enumerei acima foi identificada pelos alunos, que tiveram também a *autorização* de empregá-los em uma carta do leitor.

Gabriel Silva quis escrever sobre os recorrentes casos de pedofilia na Igreja Católica:

A pedofilia por parte dos clérigos e padres está maior do que nunca, é o que o povo diz. Mas será que está maior mesmo ou apenas estão sendo mais expostos os podres desta instituição que se diz Cristã, mas que há muito vem afrontando a Deus e a seus filhos? A parte pútrida da Igreja católica está cada vez mais exposta, a ferida está cada vez mais aberta e mostrando a incompetência da instituição em instruir seus membros no verdadeiro caminho do Senhor. Pobres crianças são atraídas todos os dias por padres que oferecem comida e abrigo, porém que não o fazem em troca de nada, abusam dos herdeiros do reino dos céus, negando o que está escrito na própria Bíblia: “Deixai vir a mim os pequeninos, pois deles é o Reino dos Céus”. Basta! Devemos culpar a igreja por não reprimir seus membros de forma a inibir tal comportamento? Não! Pois ignorantes somos nós que nos deixamos enganar por falsas doutrinas durante anos e anos e nos conformamos com atos como esses apenas para não romper laços de tradição! Basta de ignorância do povo, basta de conformidade com a iniquidade, basta de religião sem verdade! Exigimos justiça e punição severa para praticantes de tais atos! Deus verdadeiramente quer que amemos uns aos outros, que o aceitemos e que não nos deixemos enganar por doutrinas impostas por homens!

É evidente que o estudante se apropriou das estratégias empregadas na carta lida e teve *oportunidade* de usá-las (e com muita propriedade) em seu texto: “A parte *pútrida* da Igreja Católica” (palavras gritantes), “a *ferida* está cada vez mais aberta” (linguagem

metafórica), “*Pobres* crianças” (adjetivo em posição estratégica), “Basta!”, “Não!” (exclamações), “basta de conformidade com a iniquidade, basta de religião sem verdade!” (rima).

Com isso, demonstrou atitudes de leitor e escritor eficientes:

– leu a carta tomada como modelo atentando para as “pistas” linguísticas deixadas na superfície, de modo a relacioná-las ao propósito comunicativo do texto;

– estabeleceu um projeto de dizer e fez as *escolhas* necessárias para concretizá-lo com êxito, recorrendo inclusive a variados recursos linguístico-expressivos.

Acho que cumpri meu papel.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

BUARQUE, Chico e GUERRA, Ruy. *Calabar: o elogio da traição*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

CÂMARA JR, J. Mattoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2006.

MARTINS, Nilce Sant’anna. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

MONTEIRO, José Lemos. *A estilística: manual de análise e criação do estilo literária*. Petrópolis: Vozes, 2009.